

O DOMINGO, DIA DE FESTA

O domingo é o dia do Senhor. É um tempo que nos é oferecido para descansarmos e para nos recentrarmos no essencial. Ora, a noção de repouso dominical é cada vez mais atacada, tendendo a confundir-se com a noção de repouso semanal, que é muito diferente. No entanto, se há tantas pessoas (incluindo cristãos convictos) que se acomodam e se alegram com a abertura das lojas ao domingo, não é só porque isso lhes facilite as compras: também é pelo facto de o domingo ser, para muitas famílias, o dia mais cinzento, mais insípido e mais enfadonho. É preciso, portanto, recuperar o verdadeiro sentido do domingo, para que seja digno desse nome, que seja de verdade um dia de festa.

Comecemos por aquilo que ocupa (ou deveria ocupar) o centro dos nossos domingos: a Santa Missa, que deveria ser, sob todos os aspetos, o tempo forte desse dia.

Preparar-se para a Santa Missa.

É necessário preparar-se para a Santa Missa. Não se trata apenas de lavar as mãos ou vestir roupas bonitas, mas, acima de tudo, de uma preparação interior. O Santo Cura d'Ars, dizia que para isso é necessário chegar pelo menos um quarto de hora antes. Um quarto de hora antes poderia ser muito tempo por uma família com crianças pequenas, mas os nossos sacerdotes ficariam muito felizes se nos vissem chegar todos a horas, o que nem sempre acontece.

Se uma pessoa importante nos convidasse para a sua casa, nós faríamos todos os possíveis por chegar a horas: porventura Deus não merece a mesma consideração da nossa parte? Além disso, chegar atrasados não é agradável para ninguém: nem para o celebrante, nem para os outros, nem para os próprios retardatários que, ofegantes e embaraçados, ocupam os seus lugares como podem... nem sempre os lugares melhores para as crianças. Em fim, seria aconselhável que todos fizessem esforços concretos para chegarem a horas, preparando a roupa, os missais, as chaves do carro - e os nossos corações - no sábado à noite, para não vivermos a Santa Missa como um parêntesis, ou como uma simples obrigação, mas como a festa do nosso encontro com Deus.

O descanso dominical

«Tal como Deus repousou ao sétimo dia, depois de todo o trabalho que realizara» (Gn 2,2), assim a vida humana é ritmada pelo trabalho e pelo repouso. A instituição do Dia do Senhor contribui para que todos gozem do tempo de descanso e lazer suficiente, que lhes permita cultivar a vida de família e a vida cultural, social e religiosa».

Como vivemos nós o descanso dominical, muito concretamente, em família?

Quantos domingos são estragados pela perspectiva do trabalho de matemática e do exercício de inglês que, tendo de ser entregues na segunda-feira de manhã, ficaram por fazer até ao último minuto? Quantos pais de família se fecham no seu escritório para trabalhar? Quantas donas de casa passam grande parte do seu domingo de vassoura, de aspirador ou

de feno de engomar na mão, só para recuperar o atraso acumulado ao longo da semana?

Porque não havemos nós de decidir, de uma vez por todas, que cada um deve organizar-se de modo, a fazer o seu trabalho nos outros dias da semana: lições a estudar e trabalhos de casa, tarefas profissionais ou domésticas? Para chegarmos lá, é preciso fazermos de conta que o domingo não existe: se a semana tivesse apenas seis dias, nós teríamos de arranjar tempo para fazer tudo nesses seis dias. Há que organizar a semana pondo o domingo de parte.

Como é óbvio, também há exceções à regra do descanso dominical: «O sábado é feito para o homem e não o homem para o sábado» (Mc 2,27). Só temos de verificar se as exceções são justas: na verdade, é indispensável que, em certas profissões, se trabalhe também ao domingo, e muitas tarefas (como a preparação das refeições, por exemplo) são ditadas por um justo amor ao próximo. Contudo, numerosas compras e trabalhos pretensamente indispensáveis poderiam muito bem ser realizados na véspera ou no dia seguinte. «O amor da verdade procura o santo lazer, a necessidade do amor acolhe o trabalho justo»¹.

A maior parte dos pretextos invocados aqui e ali para justificar o trabalho dominical não resistem a um exame honesto. De facto, o cerne desta questão não é de ordem material: ocupação esmagadora do tempo no resto da semana, sobrecarga de trabalho, falta de disponibilidade para fazer as compras. O cerne da questão é de ordem espiritual, e pode resumir-se em duas perguntas: porventura Deus ocupa o primeiro lugar na minha vida? Porventura eu confio o suficiente nele para descansar, de verdade,

aceitando, um dia por semana, «largar as rédeas» da minha vida, entregando-as nas suas mãos? Se Deus nos pede que descansemos ao domingo, é porque não espera de nós mais trabalhos do que aqueles que cabem nos outros seis dias da semana.

Muito concretamente, para que o domingo seja um tempo de descanso, temos de desejá-lo de verde, e de organizarmos nesse sentido. Devemos incentivar os estudantes, tanto pequenos como grandes, a terminar os trabalhos no sábado. É certo que nem sempre se pode evitar estudar ao domingo... mas, na imensa maioria dos casos, não há nenhuma impossibilidade de maior, só falta a vontade real de fazê-lo. Finalmente, os nossos filhos só estarão dispostos a libertar o seu dia de domingo se nos virem fazer o mesmo: o domingo não foi feito para limpar a cozinha a fundo, para passar a roupa da semana, para andar de loja em loja ou para estudar os dossiers profissionais com toda a calma.

De que estamos nós à espera para decidir tomar medidas concretas, em família, para viver domingos em que o descanso não esteja conotado com o tédio? Com efeito, se há tanta gente a trabalhar ao domingo, isso também se deve, em parte, ao medo de estar desocupada.

Cf. Christine Ponsard, *A fé em família*, Paulina, pp. 244-248